

# Agroextrativismo no Vale do rio Urucuia- MG: uma análise sobre pluriatividade e multifuncionalidade no Cerrado

## *Agro-extraction in the Valley of the Urucuia River (state of Minas Gerais): a study of pluriactivities and multifunctionality in the Cerrado biome*

Tayline Walverde Bispo \*

Janaína Deane de Abreu Sá Diniz \*\*

\* Programa de Pós-Graduação em Agronegócios - Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil  
End. Eletrônico: taylinewalverde91@gmail.com

\*\* Faculdade UnB Planaltina - Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil  
End. Eletrônico: janadiniz@unb.br

Recebido em 28.07.2014

Aceito em 21.11.2014

**ARTIGO**

### RESUMO

O meio rural brasileiro tem passado por mudanças significativas nas últimas décadas, tanto no modo de produção quanto no estilo de vida dos seus moradores. Nesse contexto, algumas abordagens teóricas vêm sendo propostas, a fim de se entender melhor as dinâmicas desse novo rural. Dentre essas abordagens, os conceitos de pluriatividade e multifuncionalidade fornecem demonstrações de conhecimentos e comportamentos diferentes das famílias rurais. O objetivo do presente artigo é discutir aplicações dos conceitos de pluriatividade e multifuncionalidade no contexto do agroextrativismo no bioma Cerrado. Os dados são descritos a partir da pesquisa de campo realizada com agroextrativistas de municípios da região do Vale do Rio Urucuia – MG. Os resultados demonstram e confirmam o agroextrativismo como atividade pluriativa e como estratégia de permanência das famílias em suas propriedades, além de cumprir múltiplas funções no meio rural.

**Palavras-chave:** Pluriatividade, multifuncionalidade, agroextrativismo, Vale do Rio Urucuia.

## ABSTRACT

The Brazilian rural areas have undergone significant changes in recent decades, both in the production mode and in the lifestyle of its residents. In this context, some theoretical approaches have been proposed in order to better understand the dynamics of this new rural. Among these approaches, the concepts of pluriactivity and multifunctionality of agriculture provide demonstrations of knowledge and behaviors of rural households. The purpose of this article is to discuss applications of the concepts of pluriactivity and multifunctionality in the context of agroextractivism in the Cerrado biome. Data are described from field research carried out with agroextractivists of municipalities in the River Urucuia Valley, at Minas Gerais state. The results demonstrate and confirm the agroextractivism as pluriactivity and as a strategy of the families to stay in their property, with this activity also fulfilling multiple roles in the rural areas.

**Keywords:** Pluriactivity, multifunctionality, agroextractivism, River Urucuia Valley.

## 1. INTRODUÇÃO

O meio rural brasileiro tem passado por mudanças estruturais nas últimas décadas. A partir dos anos de 1970, com a modernização da agricultura, da ênfase na produção de *commodities* agrícolas para a exportação e, posteriormente, da pressão de grupos sociais em busca da reforma agrária, pode-se dizer que o rural brasileiro transformou-se. Dinâmicas foram desenvolvidas e outras inseridas no mesmo e, com elas, novas categorias emergiram.

Uma das categorias que aparece em meio a essas mudanças é o agroextrativismo. Anteriormente, o que se observava era a presença de trabalhadores que praticavam atividades exclusivamente extrativistas, assim como de agricultores dedicados à produção agropecuária. Com a necessidade, a descoberta de novas oportunidades e as mudanças na estrutura agrária, muitas pessoas passaram a associar as duas atividades, formando, assim, a categoria agroextrativista (HOMMA, 2008; NOGUEIRA; FLEISCHER, 2005; VLIET; NASI; TABER, 2011). Nela pode-se exemplificar a pluriatividade e a multifuncionalidade, que serão analisadas juntas ao longo deste texto.

Para Cruz (2012), o fenômeno da pluriatividade no meio rural brasileiro se manifesta principalmente entre os agricultores de menor renda, que possuem menos terras, baixo capital, com dificuldades de acesso ao crédito e à assistência técnica, tendo, com isso, menor renda agropecuária total. Como consequência, muitos tornam-se pluriativos, desenvolvendo outra atividade não-agrícola, para obter acréscimo de renda, manter suas atividades agrícolas e permanecer vivendo no meio rural (MATTEI, 2007; SCHNEIDER, 2009).

No caso do agroextrativismo, existe a complementariedade de duas atividades que são praticadas no meio rural, que são a agricultura e o extrativismo. Existem casos





em que famílias agricultoras complementam sua produção com o extrativismo, como os vistos na região de Minas Gerais, onde foi feita a pesquisa de campo deste artigo. Mas também existem regiões em que o extrativismo é a atividade principal e, como complemento, tem-se o cultivo agrícola, sendo que os exemplos mais emblemáticos estão na região Norte brasileira, com a presença de extrativistas que também produzem alimentos e criam alguns animais para incremento alimentar (BISPO; DINIZ, 2013; SARMENTO; PASTORE JÚNIOR, 2006).

A pluriatividade e a multifuncionalidade se diferenciam a partir do enfoque dado sobre a agricultura e o mundo rural (LACERDA; MARQUES, 2008). Algumas funções destacadas na multifuncionalidade são atividades não agrícolas, como a agroindústria familiar, o agroturismo e a comercialização direta. Essas atividades podem ser vistas também no campo da pluriatividade, já que as mesmas se originam na agropecuária e na paisagem agrícola, são geradoras de renda e realizadas de forma associada à agricultura (GAVIOLI; COSTA, 2011).

A multifuncionalidade está diretamente ligada ao meio rural, englobando sua paisagem, as pessoas, indo além da função produtiva (MÜLLER, 2007; MACHADO; CAUME, 2008). O meio rural está se modernizando, mas isso não significa o “fim do rural”, existe na realidade uma crescente similitude das condições de vida das cidades e do rural (WANDERLEY, 2000), a nova ruralidade que se desenvolve no Brasil inclui um conjunto de atividades não agrícolas, como moradia, lazer, atividades industriais e prestação de serviços, além da produção de *commodities* integrada às agroindústrias e produção agropecuária direcionada a mercados específicos (CÉSAR; STIGLIANO, 2000).

A pluriatividade e a multifuncionalidade, embora abordem o meio rural e a agricultura, possuem óticas diferentes em relação ao universo de estudo. A pluriatividade está direcionada às escolhas das ocupações dos membros das famílias agrícolas, enquanto que a multifuncionalidade busca as diversas atividades que são realizadas no meio rural, indo além do trabalho e da produção.

Este artigo tem como objetivo relacionar o agroextrativismo com os conceitos de pluriatividade e multifuncionalidade. Esta relação será apresentada no contexto do agroextrativismo no Cerrado, na região do Vale do rio Urucuia, em Minas Gerais.

Na próxima seção é apresentada a definição do termo agroextrativismo e sua contextualização no bioma Cerrado; em seguida são abordadas a pluriatividade (seção 3) e a multifuncionalidade (seção 4). Na seção 5 descreve-se a metodologia utilizada para a realização da pesquisa com os agroextrativistas do Vale do Rio Urucuia – MG. Posteriormente os resultados e as discussões, e por fim a conclusão.

## 2. AGROEXTRATIVISMO

A agricultura familiar brasileira é extremamente diversificada. Inclui tanto famílias que vivem de atividades em minifúndios, como produtores inseridos no moderno agronegócio (BUAINAIN *et al.*, 2005), abrangendo, assim, um grande contingente de pessoas que estão em diferentes situações financeiras, de quantidade de terra e de objetivos.

Os agricultores familiares se diferenciam em relação à disponibilidade de recursos, capacidade de geração de renda e riqueza, além de potencialidades e restrições associadas tanto à disponibilidade de recursos e de aprendizado adquirido quanto à inserção ambiental e socioeconômica, que podem variar radicalmente entre grupos de produtores (BUAINAIN *et al.*, 2005). Diante desse contexto, os agricultores familiares podem buscar novas alternativas no próprio meio rural, entre elas o extrativismo, que pode ser realizado em áreas que ainda são conservadas, consorciando as duas atividades, existindo também casos em que o extrativista busca incremento de renda ou de alimentação e também consorcia sua atividade principal com a agricultura (VASCONCELOS; CAMARGO, 2013).

No extrativismo o agricultor familiar tem um acréscimo de renda sem precisar abandonar a atividade agrícola, uma vez que a produção extrativa é sazonal e está disponível na natureza. O extrativismo de produtos florestais não madeireiros (PFNM) é o mais identificado entre os agricultores familiares. Na região Norte, observa-se a coleta de castanha-do-brasil, borracha, óleo de copaíba, óleo de andiroba, pequi, uxi, bacaba, açaí (VASCONCELOS; CAMARGO, 2013), enquanto que no Centro-Oeste e parte de Minas Gerais realiza-se o extrativismo de pequi, baru e buriti (BISPO; DINIZ, 2013).

O extrativismo é a atividade de extrair da natureza os recursos que estão à disposição do ser humano, sejam estes produtos de origem animal, vegetal ou mineral. O extrativismo é praticado mundialmente através dos tempos por todas as sociedades. Os produtos derivados do extrativismo são utilizados por milhões de pessoas, incluindo populações rurais e urbanas em países desenvolvidos e em desenvolvimento (VLIET; NASI; TABER, 2011).

De acordo com Homma (2008), a existência e o desaparecimento de economias extrativas estão totalmente ligados às exigências dos mercados. A transformação de um recurso natural em um produto útil ou econômico é o primeiro passo da economia extrativa. Porém, quanto mais o mercado aumenta, as forças de declínio também aumentam. Isto ocorre devido à limitada capacidade de oferta inelástica da maioria dos produtos extrativos, ocorrendo, assim, algumas interferências humanas, como espécies passando a ter plantios domesticados, descoberta de substitutos sintéticos ou naturais.

No Brasil ocorre uma combinação da atividade agrícola com o extrativismo (ROCHA; OLIVEIRA; SILVA, 2007; SCHMITZ; MOTA; SILVA JÚNIOR, 2009; MELO, 2013),





formando-se, assim, um sistema complexo que traz produtos para subsistência e acréscimo de renda para as famílias rurais. Para Nogueira e Fleischer (2005), a prática exclusivamente extrativa, principalmente de produtos florestais não-madeireiros (PFNMs), abre-se para um conceito mais abrangente que inclui todo o sistema familiar de produção, com a produção agrícola e a criação de animais.

Carrara (2007) considera que o agroextrativismo foi construído entre o ser humano e a natureza, isso porque nas práticas agroextrativistas existe o respeito do ser humano para com a natureza numa forma de dependência. Esta atividade faz parte da estratégia de conservação da biodiversidade, pois mantém os recursos naturais e o modo de vida das pessoas que a praticam, assegurando ainda renda aos grupos mais vulneráveis (SCHMITZ; MOTA; SILVA JÚNIOR, 2009).

De acordo com Carvalho (2007), o uso de frutos do Cerrado contribui para a melhoria da qualidade de vida de comunidades envolvidas e, ao mesmo tempo, para a conservação de seus recursos naturais, uma vez que a renda gerada vem se mostrando significativa e a valorização da biodiversidade nativa tem levado à proteção e à recuperação dos ecossistemas.

Os produtos agroextrativistas são muito delicados quando se trata de valorização para comercialização. Simoni, Sawyer e Almeida (2012) afirmam que é necessário considerar a diversidade e a variedade de produtos que compõem os sistemas produtivos, pois, caso não ocorra esse cuidado, a ênfase em certos produtos pode prejudicar a produção ou a coleta de outros, podendo trazer, até mesmo, insegurança alimentar devido à falta de opções de alimentos. Portanto, é preciso valorizar o conjunto de produtos de determinadas áreas socioprodutivas.

O agroextrativismo é constituído por duas atividades distintas, a agricultura e o extrativismo. Uma é agrícola e a outra não agrícola, sendo, porém, praticada no meio rural. Uma complementa a outra, sendo, geralmente, uma escolha das famílias rurais para poderem permanecer em suas propriedades. Portanto, o agroextrativismo é uma atividade pluriativa, onde os indivíduos de uma determinada família optam pelo exercício de outra ocupação, sem deixarem de ser agricultores

### **3. A PLURIATIVIDADE VISTA A PARTIR DO AGROEXTRATIVISMO**

O meio rural passou, e ainda passa, por diversas modificações nas últimas décadas. É importante frisar que o rural não é mais exclusivamente voltado para a produção agropecuária, existindo outras possibilidades que agora são exploradas com vistas a garantir uma maior geração de renda para as famílias rurais. Os integrantes das famílias rurais possuem outras ocupações fora das propriedades que lhes garantem maior estabilidade financeira para que os mesmos possam se manter nesse meio. Para Schneider (2003, p.100),

pluriatividade refere-se a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra, e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção.

O debate sobre a pluriatividade teve início nos anos de 1970. Primeiramente existia a discussão entre a divisão de trabalho em função do tempo, *part-time farming* (agricultura em tempo parcial) ou *full-time farming* (agricultura em tempo integral), termos advindos dos Estados Unidos. Depois entendeu-se que a discussão vinha realmente do termo *pluriactivité*, utilizado na França, traduzido por pluriatividade (SCHNEIDER, 2003).

Alguns autores afirmam que o aparecimento e a permanência da pluriatividade estão relacionados às políticas públicas realizadas pelos governos. Bryden e Fuller (1988), analisando a situação europeia, afirmam que a Política Agrícola Comum (PAC) foi direcionada para a grande produção exportadora e suas indústrias, em vez de ter havido beneficiamento direto aos agricultores. Assim, houve uma rápida perda de trabalho agrícola e centralização de indústrias de processamento, comercialização e distribuição, o que enfraqueceu a agricultura regional e fez com que a população rural dependesse dos serviços e empregos oferecidos pela indústria para que pudessem sobreviver e se manter em suas propriedades.

O conceito de pluriatividade possibilita uma análise geral dos padrões de trabalho das unidades familiares em relação à produção, e também ajuda a demonstrar o ambiente multidimensional das mesmas (MATTEI, 2007). Assim, este conceito se encaixa perfeitamente no paradigma atual do meio rural, principalmente da agricultura familiar, nas quais as dinâmicas estão se alterando nos últimos anos. As famílias rurais pluriativas abrigam em seu interior indivíduos com múltiplas inserções no meio de trabalho (agrário e não-agrário), combinando atividades e ocupações diversas (agrícolas, para-agrícolas e não-agrícolas) (ANJOS; NIEDERLE; CALDAS, 2004).

A combinação de atividades produtivas é histórica no meio rural, principalmente entre os camponeses, porém possuía um caráter ocasional e temporário. Já quando se considera o contexto da pluriatividade, esta combinação é uma estratégia planejada e permanente dos membros das famílias rurais acessarem o mercado de trabalho (SCHNEIDER, 2009). Assim, a pluriatividade que acontece no meio rural tem a combinação de, ao menos, duas atividades, sendo que uma delas é obrigatoriamente a agricultura.

A pluriatividade é vista como uma estratégia das famílias rurais para permanecerem no campo (JESUS; OLIVEIRA; SILVA, 2011), ou seja, a pluriatividade tem caráter





familiar, é uma decisão dos componentes de uma família para poderem ter outras ocupações, continuarem habitando o meio rural e sendo agricultores.

Anjos, Caldas e Caldas (2006) também consideram que os trabalhadores pluriativos exercem diversas atividades remuneradas dentro e fora da propriedade. Porém, existe a possibilidade da outra atividade exercida pelos agricultores se mostrar mais vantajosa, fazendo com que exista o abandono da atividade agrícola, e até mesmo do meio rural.

O trabalhador rural pluriativo não busca em outras atividades a saída do campo, mas sim outras rendas para que ele possa continuar na propriedade com sua família e tenha uma vida melhor no campo. Ele não deixa de ser produtor rural, assim como toda a sua família. O incremento da renda financia investimento na propriedade para que esta seja eficiente enquanto sua função produtiva (SCHNEIDER *et al.*, 2006).

A pluriatividade pode ser classificada de acordo com o local e a atividade que é exercida em consórcio com a agricultura, a saber: a Pluriatividade Tradicional ou Camponesa, em que as famílias produzem para autoconsumo, possuem baixa relação com o mercado e internalizam a produção, a transformação e o artesanato; a Pluriatividade Intersetorial, onde existe a articulação da agricultura com outros setores da economia, principalmente indústria e comércio; a Pluriatividade de Base Agrária surge e se expande com a terceirização de etapas ou fases dos processos produtivos na agricultura, como a subcontratação, aluguel de máquinas e equipamentos e contratação de serviços de terceiros para a realização de tarefas que eram feitas no interior da propriedade; e a Pluriatividade Para-Agrícola, resultante das atividades que formam um conjunto de operações, tarefas e procedimentos que implicam na transformação, beneficiamento e/ou processamento da produção agrícola obtida dentro do estabelecimento ou adquirida em parte ou na totalidade de fora deste, destinada à comercialização (SCHNEIDER, 2009).

O debate em torno da pluriatividade está relacionado ao trabalho das famílias rurais, enquanto que a agricultura em si vai além dos membros da família, pois a agricultura não está relacionada somente à produção e comercialização de produtos. O meio rural possui diversas funções que vão além da produção agropecuária, o que será demonstrado na próxima seção.

#### **4. MULTIFUNCIONALIDADE DA AGRICULTURA**

A multifuncionalidade da agricultura tem seu foco direcionado para a agricultura familiar, uma vez que esta tem dimensões relacionadas à cultura, soberania alimentar, entre outras (CAZELLA; BONNAL; MALUF, 2009), diferentemente da agricultura patronal que tem, sobretudo, seus esforços direcionados à grande produção e obtenção de lucro.

A questão da multifuncionalidade da agricultura ganha ênfase em meio às discussões sobre desenvolvimento sustentável na conferência mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento, ocorrida no Rio de Janeiro em 1992. Desta conferência surgiu a Agenda 21 e a agricultura multifuncional passa a ser entendida como uma atividade que provê a segurança alimentar e o desenvolvimento sustentável para as populações rurais (MACHADO; CAUME, 2008).

A agricultura sempre esteve ligada à produção de alimentos e às ocupações das pessoas do meio rural. Porém, no contexto da multifuncionalidade, existem outras funções relacionadas à agricultura, como as funções ambientais e territoriais que estão diretamente ligadas aos recursos naturais, paisagem e desenvolvimento local (MÜLLER, 2007). A multifuncionalidade da agricultura tem a visão de que mais do que produção agropecuária, o meio rural também é responsável pela garantia da qualidade dos alimentos, manutenção do potencial produtivo do solo, conservação das características paisagísticas da região, proteção ambiental, manutenção de um tecido econômico e social rural, conservação do capital cultural e diversificação das atividades rurais (FROEHLICH *et al.*, 2004). A multifuncionalidade busca relações entre os campos econômico, sociocultural e ecológico, seguindo a lógica do desenvolvimento sustentável (GAVIOLI; COSTA, 2011).

Para Cazella, Bonnal e Maluf (2009), a multifuncionalidade da agricultura familiar no Brasil é representada em quatro funções definidas, sendo elas: reprodução socioeconômica das famílias rurais; promoção da segurança alimentar das próprias famílias rurais e da sociedade; manutenção do tecido social e cultural; e preservação dos recursos naturais e paisagem rural.

A multifuncionalidade da agricultura, desde a sua concepção, está interligada à agricultura sustentável e considera a agricultura familiar como a representante da sustentabilidade no meio rural, excluindo, portanto, a agricultura patronal desse enfoque (MÜLLER, 2007). A sustentabilidade é produzir agora sabendo que vai ser necessária a manutenção da produção e do consumo dos bens no futuro. De acordo com Bacha, Santos e Schaun (2010), a sustentabilidade deriva da palavra sustentar, onde a dimensão de longo prazo está incorporada, enquanto que o desenvolvimento sustentável “é baseado no duplo imperativo ético de solidariedade sincrônica com a geração atual e de solidariedade diacrônica com as gerações futuras (SACHS, 2004, p.15)”. Assim, a multifuncionalidade da agricultura demonstra que é possível ter uma produção sustentável, conservando e proporcionando qualidade de vida para a sociedade.

A produção agrícola é uma das funções da multifuncionalidade, existindo outras atividades não-agrícolas que fazem uma integração maior com a agricultura, como agroindústria familiar, agroturismo e comercialização direta. Essas atividades podem ser vistas também pela ótica da pluriatividade, pois são geradoras de renda para as famílias que as combinam com a atividade agropecuária. Porém, existem outras funções do meio rural atual, como a presença do trabalho assalariado em indústrias de sementes ou de adubos, que não fortalecem a agricultura, pois fazem com que





o agricultor cada dia se distancie mais da sua antiga atividade principal (GAVIOLI; COSTA, 2011).

O extrativismo constitui-se numa das formas de atividade não agrícola, tendo surgido antes da produção agrícola, nos primórdios da civilização, como a primeira atividade humana. As populações rurais que ainda têm contato com a floresta ou com áreas em que ainda tenham fontes naturais de produtos que podem ser aproveitados para consumo alimentar, artesanatos, fabricação de óleos e resinas, entre outros, têm no extrativismo uma atividade extra que traz incremento de renda e de alimentos para os agricultores, fazendo deles agroextrativistas (DAYRELL, 1998).

“A refuncionalização do rural vem influenciando na disseminação de atividades como o turismo no espaço rural e práticas extrativistas no contexto da sustentabilidade (CANDIOTTO, 2009, p.4)”. O agroextrativismo pode ser caracterizado como uma atividade multifuncional, pois abrange diversas dimensões como a questão ambiental, a segurança alimentar, a manutenção das famílias no meio rural, entre outras.

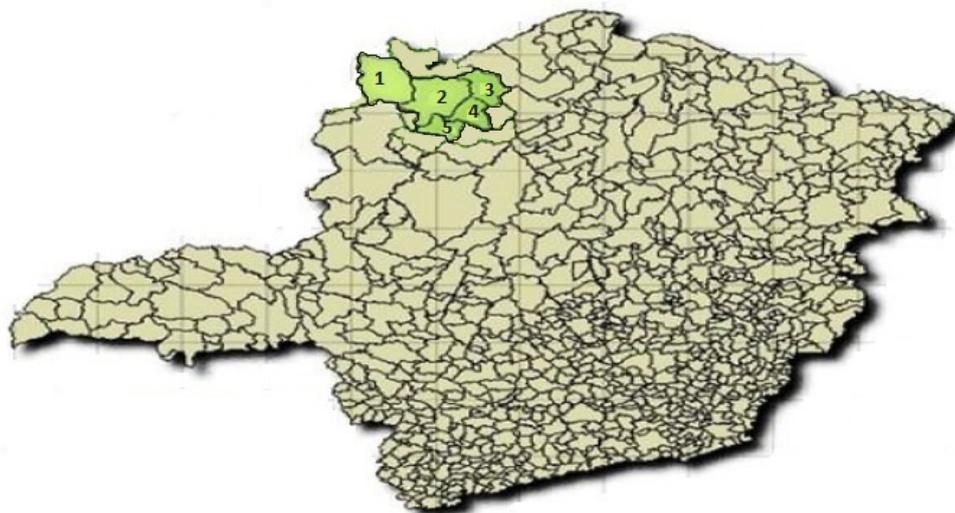
A conceitualização do agroextrativismo, da pluriatividade e da multifuncionalidade da agricultura balizaram a pesquisa empírica que foi realizada para entender melhor a lógica e a importância da atividade extrativista realizada em mesorregiões do norte e noroeste de Minas Gerais. Estas regiões são importantes para os estudos desses conceitos, analisados a partir do extrativismo, pois se situam num bioma que é mais lembrado pela produção agropecuária extensiva do que pelas importantes populações tradicionais, agricultores familiares e sua rica biodiversidade. O enfoque metodológico escolhido e os principais resultados serão explorados nos próximos tópicos.

## 5. ENFOQUE METODOLÓGICO

Os agroextrativistas participantes da pesquisa estão localizados no Vale do Rio Urucuia<sup>1</sup>, em Minas Gerais, região escolhida por representar um importante fornecedor de produtos florestais não-madeireiros (PFNMs) para o Distrito Federal, que possui um mercado diferenciado e uma população com elevado poder aquisitivo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (S/D), o estado de Minas Gerais possui 12 mesorregiões, sendo que o interesse desta pesquisa está nas mesorregiões do Noroeste e Norte de Minas Gerais, na bacia do Rio Urucuia, onde estão localizados os municípios que participaram da pesquisa, sendo eles 1- Buritis, 2- Arinos, 3- Chapada Gaúcha, 4- Urucuia e 5- Riachinho, conforme demonstrado na figura 1.

Figura 1 - Localização dos agroextrativistas participantes da pesquisa no estado de Minas Gerais



Fonte: Adaptado de Oliveira Filho (2013).

O presente estudo de caso concentrou-se em indivíduos que praticam o agroextrativismo, sendo que a pesquisa considerou somente o extrativismo de produtos florestais não-madeireiros (PFNM).

A amostragem foi não probabilística, de forma não aleatória e intencional, de acordo com Marconi e Lakatos (1996). A escolha por este tipo de amostragem reflete a situação da região pesquisada, pois mesmo sendo uma região próxima à capital do país, possui precária infraestrutura de estradas e transporte, com muitas vias sem pavimentação. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com vistas à identificação da pluriatividade na região estudada e de itens que demonstrassem algumas funções, além da produtiva, no Vale do Rio Urucuia.

O ponto de partida para a escolha dos entrevistados foi a identificação de três cooperativas que trabalhavam com produtos de origem agrícola e extrativa. Posteriormente, em pesquisas com seus dirigentes, quantificou-se os agroextrativistas, chegando a cinquenta pessoas, uma vez que a maioria dos cooperados exerce apenas atividades agrícolas. O universo dos agroextrativistas com o perfil da pesquisa está distribuído em uma extensa área de abrangência, o que dificultou o contato com os mesmos. A quantidade de entrevistados foi de dezenove, distribuídos entre os municípios de Arinos, Buritis, Chapada Gaúcha, Riachinho e Urucuia, na área de abrangência do Vale do Rio Urucuia. Este número não foi maior devido, principalmente, às dificuldades de comunicação e locomoção na região, uma vez que as propriedades ficam muito distantes entre si. As entrevistas foram inicialmente transcritas para o Word, Microsoft Office®, o que facilitou a

transferência de dados para o software SPHINX® Survey Edição Lexical, que possibilitou a análise de conteúdo.

## 6. O AGROEXTRATIVISMO NO VALE DO RIO URUCUIA: UMA ANÁLISE DOS CONCEITOS DE PLURIATIVIDADE E DE MULTIFUNCIONALIDADE

A maioria das pessoas entrevistadas era composta por mulheres (52,6%), enquanto que 47,4% eram homens. Foi identificado que em algumas famílias todos os membros são agroextrativistas, sendo que principalmente o casal (os pais) realiza a coleta dos produtos.

As propriedades, em sua maioria, são próprias. Muitas dessas propriedades pertencem à mesma família há muitos anos, e foram herdadas pelos atuais proprietários. A segunda situação mais citada foi a de lotes em assentamentos de reforma agrária.

No caso do extrativismo, os assentados possuem mais uma opção de ganho de renda sem precisarem sair de suas propriedades, contribuindo para o desenvolvimento rural mais democrático e incluyente (MELO; SAUER, 2012). Uma das entrevistadas disse que sua família não tinha renda monetária, viviam do que plantavam, e que depois de sua família tornar-se extrativista sua vida mudou, pois vende produtos do extrativismo para uma cooperativa e consegue ter renda que ajuda na sobrevivência e na qualidade de vida de seus membros. Além disso, a cooperativa os ajuda com assistência técnica e, assim, já estão ampliando os cultivos de fruticultura na propriedade, otimizando a terra com a diversificação da produção. Outro fato interessante é a ausência de áreas arrendadas. Os entrevistados são os donos das terras, apenas um dos entrevistados não tem propriedade, só uma casa numa vila rural, mas coleta baru em fazendas próximas, com a autorização dos proprietários.

Todas as propriedades possuem menos de cem hectares, mesmo as que não são de assentamentos de reforma agrária, sendo que 73,6% das propriedades têm de 20 a 69 hectares. Os entrevistados são agricultores familiares de pequeno porte, que possuem pequenas propriedades, considerando que o módulo fiscal<sup>2</sup> dos municípios é de 65 hectares em Arinos, Buritis, Chapada Gaúcha e Urucuia, e de 70 hectares em Riachinho (FAEMG, S/D).

O grau de escolaridade dos agroextrativistas entrevistados é baixo, sendo que muitos foram alfabetizados nos últimos anos pelo programa BB Educar, da Fundação Banco do Brasil e administrado pela cooperativa Copabase. De acordo com dados do PNUD de 2010 (S/D), grande parte dos adultos da região estudada só possui o ensino fundamental, média de 40,65% da população acima dos 18 anos, sendo que a taxa no Brasil é de 54,92%. E ainda existe uma taxa de analfabetismo média de 16,25% da população acima dos 18 anos, com uma média nacional de 10,19% para essa mesma faixa etária. Essa também é a realidade dos agroextrativistas entrevistados, dos quais 68,4% só possuem ensino fundamental de 1ª a 4ª série e 5,3% não são alfabetizados.

Devido à baixa escolaridade e à baixa renda, a maioria dos entrevistados recebe algum tipo de benefício do governo, por isso o agroextrativismo pode ser considerado um importante vetor de desenvolvimento para a região, uma vez que possibilita o incremento de renda das famílias. Praticamente metade dos entrevistados recebe o benefício do Programa Bolsa Família,

característica de municípios com baixo e médio IDH e alta desigualdade social. A média do IDH nos municípios estudados foi de 0,642, considerado médio desenvolvimento humano. O município analisado que possui menor IDH foi Urucuia, com 0,619, ocupando a posição de 3721º no ranking brasileiro com 5.565 municípios, de acordo com os dados do de 2010 do PNUD.

Na região o agroextrativismo é de fato de base familiar. Em 73,7% dos casos a coleta é realizada pelos entrevistados e por mais algum familiar. São filhos, pais, avós, irmãos e demais parentes, todos os familiares participam da prática agroextrativista, adultos, jovens e idosos. Nos assentamentos visitados os entrevistados informaram que não existem pessoas disponíveis para trabalhar por meio de diárias ou contratações, assim, cada família trabalha em seu próprio lote, com vistas à produção para autoconsumo e venda.

A pluriatividade é uma estratégia das famílias agricultoras. No caso das famílias do Vale do Rio Urucuia, essa estratégia foi conhecida a partir de um programa da Fundação Banco do Brasil e de cooperativas locais, onde as famílias descobriram nos frutos do Cerrado um potencial existente em suas terras e que antes era desprezado. Com isso, o extrativismo passou a fazer parte da rotina delas como uma nova atividade. Um fator interessante do caso estudado é que a maioria das famílias considera esses frutos como produtos comerciais, ou seja, poucas são aquelas que incorporaram os mesmos em sua alimentação.

Conforme já mencionado, no caso da pluriatividade, as famílias realizam outras atividades não agrícolas para terem um acréscimo de renda que as possibilite permanecer no meio rural. O agroextrativismo proporciona isso às famílias do Vale do Rio Urucuia, pois permite que tenham suas atividades agrícolas preservadas e assim consigam ter outras opções alimentares e de produtos para venda. Dentro da tipologia da pluriatividade proposta por Schneider (2009), o agroextrativismo se aproxima mais da Pluriatividade Para-Agrícola, uma vez que as famílias mantêm atividades agrícolas em suas propriedades e coletam diversos produtos disponíveis na natureza, muitas vezes os beneficiando para que haja outra fonte de renda e de alimentação. Assim, o agroextrativismo ajuda a manter as famílias no campo e com um incremento de renda, possibilitando uma melhor qualidade de vida.

Sobre as outras tipologias de pluriatividade: tradicional ou camponesa, intersetorial e de base agrária (SCHNEIDER, 2009), 52,6% dos entrevistados afirmaram possuir (ou algum dos seus familiares) outra ocupação além do agroextrativismo, enquanto que 47,4% são exclusivamente agroextrativistas. Nenhuma das atividades se relaciona com a tradicional ou camponesa, que é aquela que não possui ligação com o mercado e é composta por atividades como artesanato, produção, mas por um estilo de vida ou para organizar a produção que é feita pelos agricultores.

Os tipos de pluriatividade mais identificados foram a intersetorial e a de base agrária. A intersetorial demonstra que alguns integrantes das famílias trabalham em outras áreas, como indústria e serviços. Durante a pesquisa, foram identificadas





as ocupações de professor, secretária, entre outras. O tipo mais expressivo de pluriatividade é, de fato, a de base agrária, uma vez que muitas pessoas trabalham como tratoristas, diaristas, vaqueiros, extensionistas rurais, prestando serviço para outras propriedades rurais, a maioria delas de grande porte. Isso ocorre porque nas áreas estudadas existem muitas propriedades rurais de grande porte e que empregam mão de obra que reside nas proximidades. Além disso, como as pessoas entrevistadas, em sua maioria, possuem no máximo o ensino fundamental, as opções de emprego se tornam restritas. Os municípios pesquisados praticamente não possuem indústrias, sendo a economia baseada na produção agropecuária.

Em decorrência disso, quase metade das famílias não possui outra ocupação, a não ser o agroextrativismo, demonstrando que os produtos derivados dessas duas atividades, agricultura e extrativismo, devem ser valorizados e precisam ter cadeias produtivas e canais de distribuição bem organizados, já que uma população muito grande depende exclusivamente deste tipo de produto para se manter.

Foram identificadas quinze espécies vegetais que são extraídas do Cerrado pelos agroextrativistas entrevistados, sendo que as cinco espécies mais citadas foram o baru, a cagaita, o pequi, a mangaba e o buriti.

Um obstáculo significativo que interfere na promoção dos produtos do agroextrativismo é o difícil acesso aos mercados. O mercado consumidor é muito exigente e requer produtos com qualidade e informações confiáveis. No caso da região pesquisada, o local de extração é bem distante das agroindústrias e dos centros consumidores, por isso os produtos muitas vezes estragam durante o transporte. Além disso, aliado à distância, estão as péssimas condições de infraestrutura das estradas, onde a maioria não é asfaltada, assim como a falta de meio de transporte próprio dos agroextrativistas.

Mesmo com os incentivos de consumo local dos produtos da agricultura familiar, na região estudada há baixo consumo de produtos do extrativismo pelos moradores das cidades mais próximas. Os produtos que são mais consumidos são os advindos de cultivos agrícolas, porém, mesmo para estes, os maiores compradores estão em Brasília e em Betim/MG, que estão distantes da produção. Por isso, vê-se a necessidade do reforço no incentivo do consumo local, principalmente utilizando-se canais de comercialização mais estabilizados, como o do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), entre outras compras institucionais.

Ainda se tratando de pluriatividade, em muitas propriedades dos entrevistados existem agroindústrias artesanais, ou informais, com 42,1% dos entrevistados fabricando algum produto em suas propriedades. Os produtos processados são típicos, como farinha de mandioca, polvilho, queijo, requeijão e rapadura, mas também existem produtos com maior valor agregado, como licores, doces e farofa de pequi, que são fabricados a partir do que os entrevistados coletam e cultivam. Existe caso de agroextrativista que já tem agroindústria com seu próprio nome e rotulagem. Entretanto, essa agroindústria ainda não possui os selos de inspeção

agropecuária, apesar de já existir grande procura e os produtos serem bastante conhecidos na região. Contudo, 57,9% dos entrevistados trabalham somente com produtos *in natura* e em suas propriedades não existe nenhum tipo de estrutura para agregação de valor por meio do beneficiamento dos mesmos.

Passando para uma análise sobre a multifuncionalidade no meio rural encontrada na região, uma das funções mais aparentes relacionadas ao agroextrativismo é a de preservação dos recursos naturais e da paisagem rural. Os entrevistados afirmaram que, mesmo sendo moradores do Cerrado, não tinham vínculo com a natureza, achavam que, na verdade, aquela floresta era apenas “mato” que não servia para nada, a não ser para fazer carvão, inclusive esse extrativismo madeireiro descontrolado foi responsável por grande parte do desmatamento da região. Após participarem de palestras dadas pelas cooperativas e descobrirem que a vegetação que estava em suas propriedades tinha grande valor para a conservação da natureza e que conservada poderia trazer renda para eles através dos seus frutos, o olhar sobre o Cerrado e sua importância mudou drasticamente.

Mesmo com as mudanças no comportamento dos entrevistados, ainda existe certa resistência a algumas práticas agrícolas, como a abertura de novas áreas para plantio, pois essa questão é cultural, e deixar de praticar o que aprenderam com seus pais é mais difícil, por isso é necessária a presença de uma assistência técnica participativa que não tente impor novas técnicas sobre os agroextrativistas, mas que construa novos hábitos junto aos mesmos.

As famílias entrevistadas passaram a ter assistência técnica após se associarem às organizações, fazendo com que os ganhos produtivos fossem altos. Além disso, com a assistência técnica houve a diversificação dos cultivos agrícolas, com destaque para a inserção dos preceitos da agroecologia, contribuindo para a busca de uma produção mais sustentável. Diante dessa situação, são demonstradas as funções de reprodução socioeconômica das famílias e de promoção da segurança alimentar das famílias rurais e da sociedade, pois os ganhos de produtividade trazem mais renda para as famílias e mais alimentos disponíveis para as mesmas, assim elas tanto produzem quanto compram, pois agora possuem mais recursos para acessar o mercado e adquirir aquilo que não produzem.

Por fim, a função da manutenção do tecido sociocultural é preservada porque as pessoas não saem mais das suas regiões de origem em busca de melhores oportunidades e, assim, a cultura e as características sociais das comunidades podem ter continuidade. Na região existem muitas festas e encontros que são tradicionais, como a Festa de Reis, o Festival de Sagarana<sup>3</sup>, entre outros. Essas festas possuem uma característica especial que é a participação de várias comunidades do mesmo município e de municípios vizinhos, fazendo assim um intercâmbio de saberes e conhecimentos.





## 7. CONCLUSÃO

O agroextrativismo é a combinação das duas mais antigas atividades humanas, sendo elas o extrativismo e a agricultura. São atividades que contribuem para a manutenção da vida das sociedades através dos tempos.

A pluriatividade e a multifuncionalidade da agricultura podem ser encontradas no agroextrativismo. No caso da pluriatividade, as famílias realizam outras atividades não agrícolas para terem um acréscimo de renda que as possibilite permanecer no meio rural. O agroextrativismo proporciona isso para as famílias estudadas, pois permite que tenham suas atividades agrícolas preservadas e, assim, consigam ter outras opções alimentares e de produtos para venda. Dentro da tipologia da pluriatividade, o agroextrativismo se encaixa como Pluriatividade Para-Agrícola, uma vez que as famílias mantêm suas atividades agrícolas em suas propriedades e coletam diversos produtos disponíveis na natureza, muitas vezes os beneficiando para que haja outra fonte de renda e de alimentação.

A atividade agroextrativa pode ser caracterizada como multifuncional, pois abrange diversas dimensões como a questão ambiental, a segurança alimentar, a manutenção das famílias no meio rural, entre outras. A análise das funções da agricultura e do meio rural demonstram que há uma nova ruralidade, e que os esforços estão direcionados para outros resultados, além do produtivo, que podem ser obtidos no meio rural. Na Revolução Verde, o paradigma do meio rural era a industrialização e a padronização da agricultura, mas o que se demonstra atualmente é que um novo paradigma emerge, o bem-estar das populações rurais relacionado com o das urbanas, a valorização das paisagens naturais, a soberania alimentar, e outras funções relacionadas à agricultura ganham espaço nas políticas públicas e no campo dos estudos científicos.

O agroextrativismo, portanto, cumpre um papel diferenciado na sociedade. Possui um grande impacto na vida de toda a população mundial, pois aqueles que praticam a atividade conseguem obter alimentos, remédios, entre outros, que são consumidos pelos mesmos, e o excedente repassado para populações que não têm acesso direto a esses produtos. Porém, são necessários esforços da sociedade civil e políticas públicas para que haja apoio financeiro e técnico aos agroextrativistas, pois, devido às dificuldades para permanecerem no meio rural muitas pessoas podem substituir a atividade por outras e buscarem alternativas nas cidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, F.S.; CALDAS, N.V.; CALDAS, M.R.C. Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar. *In*: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, XLIV., 2006, Fortaleza – CE. *Anais...* Fortaleza – CE, 2006.

ANJOS, F.S.; NIEDERLE, P.A.; CALDAS, N.V. Pluriatividade e pesca artesanal: o caso da colônia Z-3 em Pelotas-RS. *Sociedade em Debate*. Pelotas, n.10, p. 9-42, dez. 2004.

BACHA, M.L.; SANTOS, J.; SCHAUN, A. Considerações teóricas sobre o conceito de sustentabilidade. *In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, VII*. 2010, Resende – RJ, 2010. Anais ... Resende – RJ, 2010.

BISPO, T.W.; DINIZ, J.D.A.S. Caracterização dos canais de distribuição de uma cooperativa de extrativistas do Cerrado. *In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, LI.*, 2013, Belém – PA. *Anais ...* Belém – PA, 2013.

BRASIL. Lei n. 6.746, de 10 de dezembro de 1979. Altera o Estatuto da Terra. Presidência da República, Brasília, 10 de dezembro de 1979. Acesso em 09 de janeiro de 2014. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/L6746.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6746.htm)>.

BRYDEN, J.M.; FULLER, A.M. Pluriactivity as a rural development option: the emerging policy and research agenda. Aberden – United Kingdom: Akleton Trust Research, 1988.

BUAINAIN, A. M.; GUANZIROLI, C.; SOUZA FILHO, H.M.; BÁNKUTI, F.I. Peculiaridades regionais da agricultura familiar brasileira. *In: SOUZA, H.M.; BATALHA, M.O. (Org.). Gestão integrada da agricultura familiar*. São Carlos: EdUFSCar, 2005. P.7-12.

CANDIOTTO, L.Z.P. aspectos históricos e conceituais da multifuncionalidade da agricultura. *In: Encontro Nacional de Geografia Agrária, XIX*, 2009, São Paulo – SP. *Anais...* São Paulo – SP, 2009.

CARRARA, A.A. Reconversão agroextrativista: perspectivas e possibilidades para o Norte de Minas. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CARVALHO, I.S.H. Potenciais e limitações do uso sustentável da biodiversidade do Cerrado: um estudo de caso da Cooperativa Grande Sertão no Norte de Minas. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CAZELLA, A.A.; BONNAL, P.; MALUF, R.S. Multifuncionalidade da agricultura familiar no Brasil e o enfoque da pesquisa. *In: CAZELLA, A.A.; BONNAL, P.; MALUF, R.S. Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2009.

CÉSAR, P.A.B.; STIGLIANO, B.V. Uma nova ruralidade brasileira. *Perspectivas Rurales*, ano 4, n.2, 2000.



CRUZ, S.S. O fenômeno da pluriatividade no meio rural: atividade agrícola de base familiar. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, n.110, p. 241-269, abr.-jun. 2012.

DAYRELL, C.A. Geraizeiros e biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) - Universidade Internacional de Andalucia, La Rábida, 1998.

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS – FAEMG. Módulos fiscais. Acesso em 09 de janeiro de 2014. Disponível em <<http://www.faemg.org.br/>>.

FROELICH, J.M.; DALLA CHIEZA, E.; DULLIUS, P.R.; PIETRZACKAR, R.; SLUZSS, T. Multifuncionalidade do espaço rural na região central do Rio Grande do Sul: análise exploratória. *In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, XLII., 2004, Cuiabá - MT. Anais... Cuiabá – MT, 2004.*

GAVIOLI, F.R.; COSTA, M.B.B. As múltiplas funções da agricultura familiar: um estudo no Assentamento Monte Alegre, região de Araraquara (SP). *Revista Economia e Sociologia Rural*. Piracicaba, v.49, n.2, p.449-472, abr.-jun. 2011.

GUTIERRES, J.V. Sistematização das ações da consultoria exercida pelo projeto Vale do Urucuia Grandes Sertões, no âmbito da estratégia DRS. Brasília – DF: Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura – IICA, 2010.

HOMMA, A.K.O. Extrativismo, biodiversidade e biopirataria na Amazônia. Texto para discussão 27. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. IBGE Cidades. Acesso em 17 de dezembro de 2013. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br>>.

JESUS, E.A.; OLIVEIRA, K.E.D.; SILVA, J.A.B. Estratégias não agrícolas da agricultura familiar: uma perspectiva de permanência no campo. *Cadernos de Graduação Ciências Humanas e Sociais*. Aracaju, v.13, n.13, p.71-81, jan.-jun. 2011.

LACERDA, T.F.N. MARQUES, P.E.M. Agricultura orgânica, representação territorial e reprodução social da agricultura familiar: os agricultores ecologistas da Encosta da Serra Geral em Santa Catarina. *Ruris*. Campinas, v.2, p.137-158. 2008.

MACHADO, A.G.; CAUME, D.J. Novas funções e novas atividades como alternativas de desenvolvimento da agricultura familiar no Brasil. *Raízes*. Campina Grande, v.27, n.1, p.97-104, jan./jun. 2008.

MARCONI, M.A., LAKATOS, E.M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTEI, L. A relevância da família como unidade de análise nos estudos sobre pluriatividade. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. Rio de Janeiro, v.45, n.4, p. 1055-1073, out./dez. 2007.

MELO, S.W.C. Extrativismo vegetal como estratégia de desenvolvimento rural no Cerrado. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MELO, S.W.C.; SAUER, S. Extrativismo no Cerrado: estratégia de desenvolvimento rural. *In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*, L., 2012, Vitória – ES. *Anais ...* Vitória – ES, 2012.

MÜLLER, J. M. Multifuncionalidade da agricultura e agricultura familiar: a reconstrução dos espaços rurais em perspectiva. *In: Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção*, VII, 2007, Fortaleza – CE. *Anais ...* Fortaleza – CE, 2007.

NOGUEIRA, M.C.R.; FLEISCHER, S.R. Entre a tradição e modernidade: potenciais e contradições da cadeia produtiva agroextrativista no Cerrado. *Estudos Sociedade e Agricultura*. São Paulo, v.13, n.1, p.125-157, 2005.

OLIVEIRA FILHO, E.R. Consórcio intermunicipal e os novos arranjos de gestão pública: cooperação, governança e desenvolvimento na região Vale do Rio Urucuia e Noroeste de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. Índice de Desenvolvimento Humano. Acesso em 17 de dezembro de 2013. Disponível em <<http://www.pnud.org.br/IDH>>.

ROCHA, A.C.; OLIVEIRA, C.M.; SILVA, D.F. Entre o extrativismo e a agricultura familiar no Alto Jequitinhonha, Diamantina – MG. *In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*, XLV, 2007, Londrina - PR. *Anais ...* Londrina - PR, 2007.

SACHS, I. Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SARMENTO, T.R.; PASTORE JÚNIOR, F. Produção não madeireira e desenvolvimento sustentável na Amazônia: diagnóstico do extrativismo em eixos de análises. Organização Internacional de Madeiras Tropicais – ITTO, Projeto ITTO PD 31/99. Brasília: Instituto de Química – UnB, 2006. Acesso em 10 de julho de 2014. Disponível em <[http://www.itto.int/files/itto\\_project\\_db\\_input/2202/](http://www.itto.int/files/itto_project_db_input/2202/)>



Technical/

[1.3%20Diagn%C3%B3stico%20do%20extrativismo%20em%20eixos%20de%20an%C3%A1lise.pdf>](#)

SCHMITZ, H.; MOTA, D.M.; SILVA JÚNIOR, J.F. Gestão coletiva de bens comuns no extrativismo da mangaba no nordeste do Brasil. *Ambiente e Sociedade*. Campinas, v.12, n.2, p.273-292, jul./dez. 2009.

SCHNEIDER, S.; CONTERATO, M.A.; KOPPE, L.R.; SILVA, C.C. A pluriatividade e as condições de vida dos agricultores familiares do Rio Grande do Sul. *In: A diversidade da agricultura familiar*. Porto Alegre, UFRGS, 2006. p. 137-165.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. *In: GRAMMONT, H.C.; VALLE, L.M. (Org.) La pluriactividad in el campo latinoamericano*. Quito, Flacso, 2009. p.132-161.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *RBCS*, v.16, n.51, p. 99 -121, 2003.

SIMONI, J.; SAWYER, D.R.; ALMEIDA, F.V.R. Entraves regulatórios na produção agroextrativista. Brasília: ISPN, 2012.

VASCONCELOS, M.R.C.; CAMARGO, A.F. Agroextrativismo sustentável na Reserva Extrativista do rio Cajari Amapá – Brasil. *In: Encontro de Geógrafos da América Latina, XIV, 2013, Peru. Anais ... Peru, 2013*.

VLIET, N.V.; NASI, R.; TABER, A. From the forest to the stomach: bushmeat consumption from rural to urban settings in Central Africa. *In: SHACKLETON, S.; SHACKLETON, C.; SHANLEY, P (Org.) Non-timber forest products in the global context*. London: Springer, 2011. p.129-145.

WANDERLEY, M.N.B. A emergência de uma nova ruralidade em sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n.15, p.87-145, out, 2000.

## NOTAS

1 A bacia hidrográfica do Rio Urucuia compreende os municípios de Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, Chapada Gaúcha, Dom Bosco, Formoso, Icaraí de Minas, Natalândia, Pintópolis, Ponto Chique, Riachinho, Santa Fé de Minas, São Francisco, São Romão, Unaí, Uruana de Minas e Urucuia, em Minas Gerais, e Cabeceiras, em Goiás (GUTIERRES, 2010)